



Nathalie Trutmann

# MANUAL PARA JOVENS SONHADORES

ALGUMAS VERDADES QUE VOCÊ SEMPRE QUIS OUVIR

ilustrações por Emily Chen

Para meus pais, Chonci e Joseph,  
e meus filhos, Sanchis e Panchis

# AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de muitos outros sonhadores.

Gostaria de agradecer a Ana Mendes e Andreza Tibana, pelo maravilhoso trabalho corrigindo meu terrível portunhol, e Juliana Reyes e Samir Iásbeck pela ajuda com o site.

A Emily Chen, que criou o lindo design do livro lá no Canadá, sem entender uma palavra de português.

A William Hertz, por gentilmente ceder a fabulosa frase: "Atreva-se a fazer um cocô federal".

Aos meus queridos Pati, Cris e Claus, pelas nossas infinitas conversas e ponderações filosóficas sobre os nossos caminhos, o sentido da vida e todas as outras maluquices que conseguiram se impor durante os nossos almoços e conversas.

A todos os que dedicaram tempo para ler e dar sua opinião a respeito deste livro: Amit Garg, Thales Willian, Bedy Yang, Silvia Valadares e Ivan Costa.

À FIAP, pela visão e magnífica oportunidade de atuar como agente de inovação e ter tanta liberdade para criar e fazer coisas fora da caixa que ajudem na transformação da nossa proposta educacional.

Um agradecimento muito especial a Eduardo Lyra e Bel Pesce pela motivação e apoio durante todo este processo.

E a Guga por ser meu companheiro nesta jornada maluca.

# SUMÁRIO

Prefácio por Eduardo Lyra

Introdução por Bel Pesce

1. A mágica por trás das nossas mentiras
2. O valor de seguir um sonho
3. Muitos caminhos, muitas vidas
4. Virar-se com pouco e com muitos problemas
5. Muitos amigos malucos e otimistas
6. Gerenciando os nossos pais e outros adultos
7. Um regime cheio de viagens e livros
8. O mundo é dos sem-vergonha
9. A procura da sorte
10. Atreva-se a fazer um cocô federal
11. Sonhar é de graça

Referências

# PREFÁCIO

Meu primeiro contato com a Nathalie Trutmann foi por e-mail. Ele aconteceu graças a uma conexão feita por Isabel Pesce, que se tornou, como diz o fundador da Wise Up, Flávio Augusto da Silva, “tesouro nacional”. No e-mail, Bel dizia que Nathalie é uma pessoa incrível, e que eu deveria fazer todo o esforço do mundo para conhecê-la pessoalmente e compartilhar ideias com ela.

Pessoas acima da média como Nathalie possuem algo em comum: agenda intensamente cheia. Diante disso, passei quase um ano à espera do encontro. Foi quando, de repente, recebi uma mensagem pelo meu perfil do Facebook, por meio da qual ela me fazia um convite para me apresentar em uma aula sobre empreendedorismo.

Daí surgiu a chance de conhecê-la pessoalmente. Era a manhã de uma quarta-feira nublada. Ela havia acabado de encerrar uma palestra para executivos de grandes empresas. Nathalie usava calça jeans, camiseta branca e sandálias, e carregava uma mochila pesada nas costas. Na primeira troca de olhares, ela sorriu e disse, com um tom de voz manso e sereno: “Você é o Edu! Que prazer lhe conhecer.” O sorriso de Nathalie era sincero. E seu olhar, carregado de generosidade.

Após alguns minutos de espera, entramos em um carro e seguimos para a aula. Seria a viagem mais marcante da minha vida. Nathalie me pediu para relatar a minha história, e se calou. Ela ouvia de verdade cada palavra que eu dizia e viajava na minha trajetória de tentativas, perdas, persistência, recomeços e sonhos.

Quando eu dava por terminada a minha narrativa, ela fazia mais uma pergunta, e depois outra, e outra. Enquanto eu falava, me perguntava: “Como uma pessoa com tanta bagagem cultural, que viajou boa parte do mundo, que tem amigos executivos de grande representatividade, tem tanta disponibilidade para ouvir

um menino de 24 anos e se importar tanto com cada detalhe da minha história?"

Quando decidi falar, Nathalie me fez acreditar que cada um dos meus sonhos eram – definitivamente – possíveis de ser realizados. Ela conduzia a fala de um jeito diferente, seu repertório não estava limitado ao usual. Ela utilizou exemplos de pessoas realizadoras de várias partes do mundo, de forma mágica, encantadora e apaixonante.

Assim que chegamos à escola, os alunos a receberam com calor. Na verdade, não parecia que era o início de uma aula, mas sim de um show. E realmente foi! Nathalie ensinava a turma a pensar fora da caixa, como empreendedores que desejam mudar o mundo. Não tem como ensinar alguém a mudar o mundo, mas é possível despertar a paixão para isso.

No final da aula, a turma fez questão de contar os seus sonhos. Lembro-me de um rapaz que havia montado um blog sobre futebol, mas estava desanimado porque não sabia como aumentar o número de acessos. Nathalie desaguou uma torrente de possibilidades para escalar visualizações, tornar o conteúdo mais atrativo e, possivelmente, conseguir recursos.

Muitos deles disseram que jamais imaginaram que seriam empreendedores, mas que mudaram de opinião quanto a isso. São jovens que futuramente vão construir sua própria companhia, gerar emprego, renda e crescimento para o País. Serão líderes e colaboradores para o avanço social.

Nathalie estava encorajando jovens a experimentar uma palavra tão esquecida: SONHAR. E o Brasil precisa de sonhadores que desafiem o impossível, que travem batalhas, que virem o jogo, que recomecem. E que, incrivelmente do nada, encontrem o caminho certo e cheguem ao que desejam.

Ah, como seria bom se todo brasileiro tivesse a chance de passar um dia com Nathalie! Mas, diante da agenda apertada, você poderia passar até um ano na fila de espera. Por outro lado, ao ler este livro, você terá a oportunidade de ficar pertinho da alma da escritora e descobrir um roteiro – totalmente fora do padrão estipulado pela sociedade – que lhe fará sonhar e realizar. Nesta obra você terá a certeza de que todo mundo pode ser tão grande, tão apaixonado, tão diferente e tão louco quanto quiser.

EDUARDO LYRA, JORNALISTA E AUTOR DO LIVRO *JOVENS FALCÕES*

# INTRODUÇÃO

Imagine se você pudesse desenhar um mundo novo. Completamente novo. Esqueça todas as coisas como elas são. Escolas, trabalhos, profissões, regras, expectativas.

E se tudo estivesse ao contrário? E se houvesse uma maneira muito mais deliciosa, linda e recompensadora de viver nossas vidas? Imagine se todos os dias você pulasse da cama com uma vontade inexplicável de aprender e crescer.

A vida é um presente. Muitas vezes nos esquecemos disso, preocupados com pequenos problemas do dia a dia em uma sociedade cheia de regras e expectativas, em vez de lembrar que as escolhas são nossas, e de mais ninguém.

Uma das melhores coisas dessa vida é a capacidade que temos de sonhar. Jovens, essa habilidade que temos de sonhar e acreditar que tudo é possível é o maior bem que possuímos.

E sabe o que é o mais legal? Quando se trata de sonhos, o que mais conta não é alcançá-los. O que mais conta é a jornada. A jornada é, no final, a nossa vida.

Agarre-se em seus sonhos com toda a intensidade. Não se preocupe se ninguém os entender, o importante é que você não minta para si mesmo. Se os sonhos fizerem sentido para você, a jornada será deliciosa!

Mas qual é o segredo para realmente se agarrar aos seus sonhos sem se preocupar com um milhão de outras coisas? Ah, a solução é mais simples do que você imagina. Neste livro, a Nathalie vai lhe contar as verdades mais bem escondidas, verdades que lhe farão perceber que você pode desenhar um mundo completamente novo o seu mundo.

BEL PESCE, EMPREENDEDORA E AUTORA DO LIVRO *A MENINA DO VALE*







## Capítulo 1

# A MÁGICA POR TRÁS DAS NOSSAS MENTIRAS

.....

*"Suas ações falam tão alto que quase não consigo escutar o que você está dizendo."*

.....

– R.W. EMERSON

A primeira vez que eu me lembro de ter mentido foi por prazer.

Eu acho que tinha uns seis anos e estava no supermercado com minha mãe quando falei para ela que só ia dar uma volta para ver alguma coisa e que já voltava.

Não lembro que coisa era essa ou se foi um ato premeditado de minha parte, mas o certo é que fui até a seção de balas e chocolates e ali estava, em uma prateleira do meio, como se estivesse esperando por mim, uma barra de Toblerone aberta. O alumínio tinha sido rasgado e os picos do delicioso chocolate se vislumbravam em toda a sua glória – e antes que a razão pudesse me impedir, meu apetite voraz se apoderou de mim e peguei um desses maravilhosos triângulos.

Apesar da minha felicidade, quase não consegui desfrutar daquela deliciosa e crocante massa derretendo sobre a minha língua – tive muito medo e engoli o mais rápido que pude antes de correr de volta para o lado da minha mãe. Só que depois de alguns segundos meu apetite voraz se apoderou de mim novamente e aí, em um perfeito ato premeditado, falei que "só ia dar uma voltinha" outra vez e desapareci de sua vista.

Com a adrelina correndo pelas minhas veias, peguei três triângulos de uma vez só e enfiei todos na minha boca antes de correr de volta para o lado da minha mãe. E, novamente, depois de alguns breves instantes, meu apetite voraz (e tão incontrollável) tomou conta de mim e voltei a mentir e a desaparecer da sua vista.

Dessa vez, peguei o que restava da barra de chocolate e escondi embaixo da minha camiseta. Fui sentar debaixo de uma caixa no canto que estava vazia e comecei a relaxar, pensando em saborear o resto da barra, quando alguma coisa me fez olhar para cima. Ali estava, olhando para mim, a enorme e aterradora cara do segurança que normalmente ficava do lado da porta de saída. Lembro-me do medo que senti, como se ele estivesse apontando uma arma para mim, e de só querer sair correndo o mais rápido possível. Mas mal conseguia respirar, e em vez disso fiquei ali paralisada com meu coração martelando dentro da minha garganta e o chocolate derretendo em minhas mãos.

No fim minha mãe me fez pedir desculpas, e não ficou tão furiosa como costumava ficar quando eu fazia alguma coisa errada (provavelmente estava rindo por dentro pensando na gulodice da filha), mas eu estava acabada. A vergonha de ter sido descoberta foi castigo suficiente.

Lembro que o resto das minhas mentiras durante esses anos de pré-adolescência e adolescência foram muito menos criminais e gulosas (apesar de que o chocolate sempre me pareceu ser um tesouro escasso na minha casa, pelo qual meus irmãos e eu sempre lutávamos), e mais motivadas pelo simples prazer da diversão e pelo fato de conseguir fazer travessuras sem que meus pais percebessem e me castigassem. Houve as mentiras clássicas para ficar mais tarde na balada, ir à casa de alguém e esconder minhas notas baixas.

Mais perto dos meus dezoito anos e do começo da faculdade, alguma coisa começou a mudar, e a motivação por trás das minhas

mentiras também: em vez de procurar fazer travessuras, meu foco começou a ser influenciado pelo meu desejo de querer virar adulta. Não se tratava mais só de diversão, mas de ser aceita pelos outros e de ser vista como alguém que estava destinada para o sucesso.

---

Eu cresci na Guatemala e, desde muito pequena, sempre sonhei em viajar pelo mundo.

Para quem não conhece, a Guatemala é um país muito pequeno que fica embaixo do México e é mais conhecido pelos seus vulcões, guacamoles, ruínas maias e (infelizmente) violência. Recentemente tivemos nosso primeiro ganhador de medalha olímpica na história do país, e a primeira coisa que ele fez depois da conquista foi se ajoelhar e pedir pela paz em seu país.

Meu pai trabalhava em uma empresa multinacional e, cada vez que ele saía de casa com o passaporte vermelho em uma mão e a mala preta na outra, eu morria de vontade de sair correndo atrás dele. Não via a hora de terminar a escola. Ele tinha me prometido que eu poderia cursar a faculdade nos Estados Unidos, e o que eu mais queria era sair desse país pequeno, ser independente e poder ver o mundo.

Mas na hora de ir para a faculdade tive um problema.

Com dezoito anos de idade eu achava que queria estudar jornalismo. Não é terrível quando as pessoas começam a perguntar: "Então, o que você quer fazer?", e você só consegue pensar na menina ou no menino que está sentado ao seu lado? Nem os adultos sabem o que querem fazer muitas vezes, como vai um adolescente saber responder a uma pergunta dessas?

Como eu gostava muito de ler, achei que o jornalismo seria meu caminho. Só que eu tentei entrar para apenas uma faculdade, e

não fui aceita. Já bem em cima da hora e louca para sair de casa, fui ao escritório do orientador vocacional da minha escola para tentar descobrir o que eu poderia fazer. Achei o catálogo de uma faculdade com fotos de praia que ainda aceitava aplicações em período posterior, e, sem ter ideia alguma do que iria estudar, decidi que esse seria meu lugar. Então, mandei minha aplicação.

Para minha alegria eles me aceitaram e, depois da minha graduação, meu pai me levou para Los Angeles a fim de me deixar instalada na minha nova casa, um predinho azul e branco destinado a alunos estrangeiros. Mas, apesar de me deixar longe, ele manteve um controle estrito dos meus estudos (como tinha feito comigo durante toda a época da escola) e pediu para que eu mandasse minha agenda da semana para ele poder ver o que eu estava fazendo com o meu tempo (e seu belo investimento).

Eu não pensei em esconder dele as aulas eletivas que o sistema de faculdade americana permitia durante os primeiros anos e que eu tinha escolhido – redação criativa e teatro –; incluí-as na minha primeira agenda que mandei para ele. Mas, para minha surpresa, ele ficou preocupado, questionou o porquê dessas aulas e pediu para eu trocá-las por temas mais produtivos como computação ou matemática.

“Mas você acha que vai virar escritora ou atriz, por acaso?”, perguntou ele.

Morri de vergonha e de insegurança, e não tive coragem para mentir ou para convencê-lo para que me deixasse continuar com esses temas. Mudei as aulas e me inscrevi em biologia marinha, porque era o que estava na moda na Califórnia e eu tinha ouvido falar que o professor era muito legal, que contava sobre suas aventuras morando em uma cápsula embaixo do mar e que fazia várias excursões à praia com seus alunos.

Durante esses anos de faculdade me lembro de que continuei mentindo de vez em quando, mas era mais para conseguir fazer alguma viagem ou aventura que não estivesse dentro do que meus pais tinham autorizado. Lembro que uma vez menti e falei que tinha ganhado uma bolsa para fazer um curso de verão em uma ilha no Caribe, e assim consegui passar um mês mergulhando e colecionando conchas na ilha de St. Thomas. E em outra ocasião menti que iria fazer alguns cursos importantes em outra faculdade para poder ficar acampando com minha melhor amiga nas praias e florestas no norte da Califórnia.

Durante esses anos de faculdade me lembro de que continuei mentindo de vez em quando, mas era mais para conseguir fazer alguma viagem ou aventura que não estivesse dentro do que meus pais tinham autorizado.

Foram quatro anos cheios de sol, praia e liberdade e, no final do último ano, já perto da graduação, comecei a ficar muito preocupada, porque não queria ter que voltar para a Guatemala e para a minha vida de antes.

Assim, comecei a procurar trabalho para poder estender minha estadia nos Estados Unidos e para aproveitar o ano de visto que eles outorgavam para estudantes estrangeiros. E foi nessa procura que percebi que, se queria arrumar algum tipo de trabalho, ia precisar mentir um pouco, não porque eu quisesse, mas pelas perguntas que os entrevistadores me faziam.

Como aconteceu quando fui entrevistada em um laboratório renomado e a pesquisadora me perguntou se eu teria algum problema em ter que quebrar os pescoços das centenas de ratos que ela usava para a sua pesquisa.

"Não, imagine, não tenho nenhum problema em matar seus ratinhos", respondi com a minha melhor cara de mentirosa.

*Aliás, sempre sonhei em passar meus dias quebrando pescoços de ratões, pensei comigo mesma.*

Por sorte, não enganei essa cientista com cara (e provavelmente espírito) de Hitler e não consegui esse trabalho.

Continuei fazendo todo o tipo de entrevista, no final a única coisa que eu queria era ficar nesse paraíso de liberdade, e, no final, com algumas outras mentiras mais bem formuladas, consegui convencer um laboratório de biologia molecular que limpar e medir os tubos de ensaio dentro de uma sala subterrânea era algo que me deixava totalmente apaixonada.

Finalmente adulta!

Eles me contrataram e comecei a ganhar pela primeira vez meu próprio dinheiro! O meu futuro estava garantido, e meus pais estavam super orgulhosos com sua filha prodígio.

Só que, depois das primeiras semanas de novidade e êxtase, comecei a me sentir deprimida com aquele trabalho tão monótono (para onde tinham ido todas as teorias e fórmulas que tínhamos aprendido nas salas de aula?!) e com aquele ambiente de laboratório asséptico, onde não entrava a luz do dia e existia um cheiro permanente de álcool. Eu tinha que usar uma bata branca, luvas e óculos de acrílico o dia todo, e, fora isso, não havia ninguém mais além de um par de outras pessoas fazendo a mesma coisa que eu.

Agüentei alguns meses, mas a cada dia ficava mais deprimida com o que até hoje foi o trabalho mais monótono que já fiz na minha vida (porque ninguém tinha nos explicado na aula de biologia o que significava controle de qualidade?), limpando e medindo tubos de ensaio. Até que um dia minha chefe me chamou para me dar o resultado da minha avaliação pelos meus primeiros três meses de trabalho.



“Seu trabalho e seu cuidado com as medições está deixando muito a desejar”, falou-me ela com um sorriso malvado de orelha a orelha.

Enfurecida, saí aquele dia sem limpar minha estação de trabalho e, com o coração partido (como seria voltar a viver sem a praia por perto e com meus pais?), decidi voltar para casa.

---

Meu pai ficou furioso. Nos olhos dele eu tinha jogado tudo pela janela só porque tinha me deparado com um obstáculo e eu não tinha aprendido a lidar com as verdadeiras dificuldades da vida. Eu tentei explicar, mas ele sabiamente falou que estava na hora de me virar sozinha. Assim, sem muito tempo a perder, comecei a procurar trabalho e a participar de novas entrevistas, e rapidamente percebi que ia precisar mentir novamente, não porque eu quisesse, mas pelo tipo de perguntas que me faziam: “Então, o que você quer ser daqui a 10 anos?”

*O que eu não daria pelo que sei hoje aos quarenta anos! A única coisa que eu então sabia com meus vinte e poucos anos era que eu queria viajar e ter tempo para ler livros e conhecer pessoas interessantes, mas sabia bem que esse tipo de resposta não ia me levar muito longe.*

Tinha que falar de objetivos e carreira, de metas e responsabilidades, não de sonhos sem pés nem cabeça. Como era astuta, rapidamente aprendi a mentir e dar as respostas certas, aquelas que os entrevistadores queriam ouvir, e assim, em menos

*A única coisa que eu então sabia com meus vinte e poucos anos era que eu queria viajar e ter tempo para ler livros e conhecer pessoas interessantes, mas sabia bem que esse tipo de resposta não ia me levar muito longe.*

de um mês, consegui o trabalho dos sonhos (do meu pai!): uma posição de gerente de produto em uma das maiores empresas farmacêuticas, que prometia uma carreira cheia de oportunidades. Na verdade, a única coisa que tinha me empolgado foi saber que haveria muitas viagens relacionados ao trabalho.

Mas, como diz o velho ditado, a mentira tem perna curta, e não só porque os outros ficam sabendo a verdade. Eu tinha mentido para conseguir aquele emprego e acabei me enfiando em outro trabalho de que eu não gostava, em razão do qual, depois de um par de meses, quando a novidade tinha passado, eu já queria pular pela janela.

Por sorte não pulei – e, graças a um chefe excepcional e compreensivo, consegui conter minha impaciência por alguns anos antes de voltar a pensar em como sair viajando pelo mundo.

Nessa época e já com uns vinte e seis anos, fiquei sabendo que existia um tal de MBA internacional. Pensei que fazer isso poderia me abrir portas para trabalhar em funções e países diferentes, e, assim, continuar com meu sonho de visitar outros países.

A verdade era que eu não queria fazer um MBA, e sim apenas viajar para conhecer pessoas e lugares interessantes.

Só que expôr isso para o meu pai ou para o meu chefe era inviável, eles teriam falado que não tinha condições de eu largar um emprego tão bom como aquele para virar mochileira. No mundo deles, simplesmente não existia a ideia de dedicar um ano para viajar sem propósito.

A verdade era que, já com vinte e seis anos e a minha liberdade financeira conquistada, eu tinha passado para uma etapa seguinte e muito mais compulsiva do mundo dos adultos, a do reconhecimento, em que as marcas e os títulos não são apenas muito importantes, são tudo. E assim, sem muita

conversa e sem muita reflexão, segui as etapas necessárias com as minhas melhores mentiras e fui aceita para fazer o famoso e tão venerado MBA.

“Mas você pagou por um MBA, não é?”, perguntou-me um colega de classe depois de alguns meses juntos no programa e de ouvir minhas queixas constantes sobre o curso e as pessoas que só sabiam falar de dinheiro.

Apesar de a faculdade ser muito prestigiada e de estar em uma linda floresta na França, eu me sentia mais infeliz do que nunca. O programa era muito competitivo e as notas eram dadas em curva. Assim, para alcançar o mínimo a fim de me graduar, eu tinha que passar meus dias sentada na biblioteca de manhã à noite, lutando para entender e memorizar derivadas e fórmulas que me pareciam estar escritas em chinês, e ainda assim mal conseguia passar nas provas.

Para mim, foi um pesadelo que não tinha fim, que se estendeu mesmo quando terminei o MBA e comecei a participar das entrevistas com as empresas que vinham recrutar na faculdade. De repente me vi ainda mais perdida do que antes de ter começado, sem um claro sentido de identidade e com falta da autoconfiança necessária para poder enfrentar toda a maratona de entrevistas. Novamente minha mentira tinha me atingido e eu me via presa a um caminho que não era o meu.

Enquanto a maioria dos meus colegas do MBA arrumavam empregos facilmente em consultorias e bancos de investimento, eu fracassava em cada entrevista. Era como se tivesse perdido meu norte, não sabia mais o que eu queria fazer. Depois de todo esse investimento, eu me sentia a maior perdedora.

No fim, consegui arrumar um emprego na área de marketing em uma empresa renomada, mas em cima da hora desisti. Por sorte, consegui perceber a tempo que morar no meio do nada na Inglaterra vendendo margarina não tinha nada a ver com meu sonho de vida.

Em vez disso, para o horror de meu pai e colegas do MBA, e contra todo o senso comum depois daquele investimento, fui me refugiar em Utila, uma ilha na baía de Honduras, onde arrumei um trabalho voluntário para cuidar de uma espécie de iguana em extinção. Em troca, eu tinha um lugar onde dormir e durante as minhas horas livres eu podia fazer aulas de mergulho.

Minha mãe tinha ficado assustada ao ver o estado psicológico com que eu tinha voltado para casa e me falou que ela me ajudaria a reservar um tempo para pensar no meu próximo passo.

Demorei alguns meses, sarando minha alma debaixo do sol, até me sentir pronta para encarar o mundo real novamente e começar a procurar um emprego. Ainda não tinha descoberto (na verdade não queria admitir para mim mesma) o que queria fazer e, para encurtar a história, voltei a conseguir um emprego na área de marketing em uma empresa multinacional, que me seduziu pelas promessas de viagens que vinham com o pacote.

Mas por muito tempo eu achei que era a única pessoa frustrada com o dia a dia do meu trabalho, a única que ficava aborrecida com as planilhas e reuniões intermináveis sem uma causa importante (*Será que o mundo realmente se importava se não atingíamos a meta de vendas?*), já que o restante de meus colegas de trabalho sempre pareciam estar muito satisfeitos com aquelas tarefas, que para mim não tinham sentido.

Procurei terapia e todo o tipo de curso que promettesse me ajudar a tirar a frustração que eu tinha dentro de mim, mas nada, e aquele tédio continuava. Muitos me falavam que a vida é assim

e que não adiantava reclamar, todos tínhamos contas para pagar e responsabilidades para assumir. Não dava para ficar imaginando se havia outro tipo de vida possível.

Mas, pouco a pouco, comecei a ver que cada vez que eu admitia minhas dúvidas e frustrações, alguns dos meus colegas também passaram a admitir as deles, e que no final não tinha nada de estranho com os sentimentos que eu tinha (e me cobrava!).

Que formidável surpresa!

De repente me deparei com a maravilhosa verdade que todos escondiam – e com o fato de que tinha muitos, mas muitos outros colegas igualmente perdidos e insatisfeitos como eu.

Como a maioria de nós já fazia parte do mundo dos adultos (nessa época eu já tinha passado a assustadora idade dos trinta), com famílias e contas a pagar, não poderíamos simplesmente fugir de algo de que não gostávamos (como eu tinha feito tantas outras vezes).

Mas que felicidade saber que eu não era a única pessoa com esses sentimentos e que não se tratava de nenhum problema psicológico específico meu – era um mal generalizado! Ninguém estava feliz nesses trabalhos sem propósito, preenchendo planilhas que não tinham fim e assistindo a reuniões intermináveis.

Muitos me falavam que a vida é assim e que não adiantava reclamar, todos tínhamos contas para pagar e responsabilidades para assumir.

---

Esse entendimento me fez refletir sobre todas as mentiras que eu tinha falado para mim mesma e sobre como o que contamos

para os outros e para nós mesmos vai tendo repercussões enormes nas nossas vidas. Às vezes, só vamos entender tudo isso muitos anos depois. As mentiras que contamos para os outros são as mesmas que contamos para nós mesmos, e muito rapidamente as incorporamos e tomamos decisões baseados nelas, o que nos leva para caminhos que não são os nossos.

Também percebi que o interessante é que, quando a gente é jovem, mentimos para poder nos divertir, para testar os limites que nossos pais nos colocam, mas, conforme viramos adultos, começamos a mentir para tentar nos encaixar nesse mundo de gente grande, em que todos parecem entender as coisas da vida, e não ter dúvidas ou sentir que estão perdidos (o maior engano de todos). Entendi que começamos a mentir para parecer adultos.

As verdades sobre o que gostamos e o que não gostamos já estão dentro de nós (queiramos admiti-las ou não) – mesmo que pensemos que os adultos, por terem mais experiência, podem saber mais, ninguém sabe mais que nós de nós mesmos. Sim, mesmo aqueles que são mais velhos e que sabem muito; ninguém sabe melhor que nós o que nos faz felizes. E ninguém tem o poder de encobrir essa verdade mais do que nós mesmos.

O problema é que dá medo e vergonha – no nosso desejo de sermos aceitos, tentamos ser iguais aos outros (que também estão tentando ser aceitos) para que não nos chamem de malucos ou esquisitos –, mas o irônico é que muitas vezes as pessoas que conseguem transformar seus sonhos em realidade são precisamente aquelas que tachamos de malucas e esquisitas. Elas são as únicas que têm a coragem de falar e de mostrar: “É isso aí que eu sou, é disso aí que eu vou correr atrás, e não me importa se vou parecer diferente dos demais.”

E os nossos sistemas educacionais (como foi o caso de meu MBA) também não nos ajudam, como explica muito bem Sir Ken Robinson na sua famosa palestra no TED (com mais de 13 milhões

de visualizações!) sobre por que as escolas matam a criatividade. Não acho que seja de propósito, mas sistemas que impõem que todos sejamos iguais e concorramos pelas mesmas notas sem espaço para valorizar e atender as nossas diversidades não ajudam os jovens a explorar sua voz própria e se animar a falar alto e claro: "Eu gosto disso", "Eu não gosto disso".

Assim, desenvolvemos dois tipos de mentira:

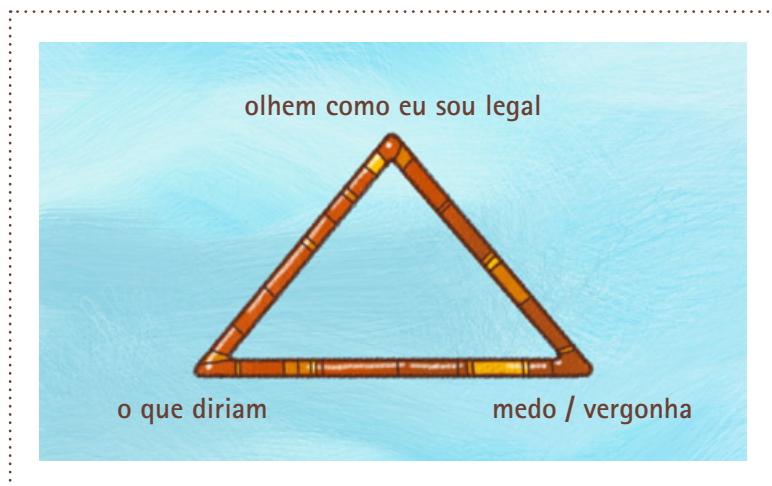
Mentira de criança = por prazer e diversão

e

Mentira de adulto = por reconhecimento e aceitação

E a santa trindade que alimenta a mentira de adulto:

*Figura*



Mas, por baixo dessa trindade, o que escondemos?

As coisas que realmente nos dão prazer e que achamos proibidas.

## Figura



Essa é a mágica por trás das nossas mentiras.

Se por um momento silenciarmos o barulho de "o que diriam" e prestamos atenção na nossa coleção de mentiras, analisando o quando, o como e o porquê, podemos encontrar o nosso tesouro pessoal, aquilo do que realmente gostamos e o que realmente somos, e poupar a nós mesmos de muitas mentiras inúteis que só vão desperdiçar nosso tempo e ânimo. Só fazendo isso é que realmente poderemos correr atrás dos nossos sonhos e nos tornar protagonistas das nossas vidas (e não seguidores da vida e dos sonhos de outra pessoa).

### VÍDEO SUGERIDO

Ken Robinson says schools kill creativity

(Ken Robison diz que escolas matam a criatividade):

[www.ted.com/talks/ken\\_robinson\\_says\\_schools\\_kill\\_creativity.html](http://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity.html)







## Capítulo 2

# O VALOR DE SEGUIR UM SONHO

*“O dinheiro vem e vai, mas o que você tem na mente ninguém tira de você.”*

- DOMINIC TORETTO (VELOZES E FURIOSOS 5 - OPERAÇÃO RIO)

Por incrível que pareça, o valor de seguir um sonho não está no reconhecimento, na fama ou no dinheiro, apesar de que muitas pessoas acreditam nisso e vivem como se fosse assim.

O valor de seguir um sonho está nos detalhes do nosso dia a dia, no jeito que acordamos, se estamos animados ou desanimados, se sentimos uma preguiça terrível para sair de debaixo do cobertor ou se pulamos felizes pelo novo dia que nos espera, no jeito que tratamos a nós mesmos e aos outros, se nos sentimos amigáveis e generosos ou se ficamos com inveja e nos comparando com cada pessoa que passa na nossa frente.

O valor de seguir um sonho está nessa felicidade que nos permite passar horas fazendo o que gostamos, sem ter noção do tempo, e que nos dá a autoconfiança de nos sentirmos satisfeitos com o que temos. Quem é verdadeiramente feliz não precisa de muito.

O valor de seguir um sonho está nessa felicidade que nos permite passar horas fazendo o que gostamos, sem ter noção do tempo, e que nos dá a autoconfiança de nos sentirmos satisfeitos com o que temos.

Porque o nosso sonho, por melhores, inteligentes, competentes ou dedicados que sejamos, provavelmente vai demorar um tempo para virar realidade, já que as coisas normalmente não acontecem de um dia para o outro (e que bom que é assim, senão nos desviaríamos de todas as lições de perseverança que são tão valiosas). E é no caminho que conseguimos desenvolver as competências que precisamos para alcançar esse sonho.

Se focarmos só no dinheiro e na fama, nosso sonho pode virar só outro objeto de desejo que achamos que precisamos alcançar para sermos felizes. E, como no caso de qualquer outro objeto de desejo que logramos ter, seja um brinquedo, uma roupa, um *gadget* ou um carro novo, a novidade passa e logo voltamos a estar envolvidos naquilo de que achávamos que iríamos conseguir fugir – o tédio do nosso dia a dia quando estamos fazendo algo que não gostamos de fazer.

---

O que acontece frequentemente com um jovem que está se preparando para entrar na faculdade?

Ele pode, por exemplo, gostar de temas menos "sérios" como gastronomia, música, desenho e dança, mas, graças ao medo que a sociedade ao redor (muitas vezes seus pais, familiares e amigos) se encarrega de incutir nele, ele termina se convencendo de que essas seriam escolhas muito arriscadas, sem futuro certo ou garantias de sucesso.

Assim, ele opta por seguir alguma carreira mais tradicional ou segura como administração, engenharia ou medicina (nada contra elas), e embarca em uma jornada que não lhe pertence.

Muitas vezes, esse jovem não está nem pensando em como vai se sentir estudando esses temas, se de fato gosta de lidar com números ou com sangue nas mãos, e sim apenas na aceitação das pessoas

quando elas lhe fazem as clássicas (e tão temidas) perguntas a respeito do que ele vai estudar ou o que ele quer fazer da vida.

E é assim que muitos jovens começam a aventura da vida na faculdade, na qual já cedo se conformam ao "o que diriam" e param de ouvir a si mesmos.

Alguns chegam até a passar os quatro ou cinco anos de faculdade se questionando a respeito do motivo de não gostar do que estão estudando, por que não se sentem felizes e têm que se forçar a frequentar as aulas, enquanto outros, talvez mais corajosos ou mais sensíveis, percebem logo no começo que cometeram um grave erro e mudam de carreira.

Para aqueles que permanecem nesse caminho mais "aceito", como os que estudam administração de empresas (nada contra administração de empresas, mas parece ser a opção *default* para muitos daqueles que não têm a coragem de admitir aquilo de que realmente gostam), logo chega a etapa do primeiro trabalho e do primeiro salário.

E logo mais, depois que a novidade passa e que se acostumam à sua nova rotina de trabalho, surge aquela desconfortante pergunta (que, surpresa, vai continuar aparecendo e cutucando essas pessoas pelo resto das suas vidas).

"Mas é só isso?"

Desmotivado e aborrecido, o jovem, que neste exemplo vou chamar de Miguel, começa a procurar um novo emprego, ainda convencido de que tem que haver algo mais, algo melhor, com o qual ele realmente possa se sentir feliz e fazer a diferença - já que a verdade é que todos, sem exceção, padecemos da mesma necessidade de sermos autores das nossas vidas, de sentir que nossa existência faz alguma diferença (senão, qual é o ponto?) e de querer encontrar um sentido para nós mesmos.

Dessa forma, Miguel vai e arruma um novo emprego. Sem saber bem o porquê, o ciclo recomeça: ilusão ante a novidade, desencanto depois de alguns meses, desmotivação e mais do desconfortável e persistente: "Mas é só isso?". E novamente o ciclo recomeça na procura por algo melhor.

E, no meio de tudo isso, ele começa a procurar coisas que ele acha que podem preencher esse vazio e essa desilusão que ele sente dentro de si, no seu dia a dia – e nada como nossa fantástica sociedade para oferecer um amplo repertório de soluções prontas e tentadoras que prometem felicidade instantânea: pode ser um carro novo, um apartamento novo ou uma roupa nova.

Independente do que ele escolher, o fato é que são coisas, e só coisas, que rapidamente perdem seu brilho e caráter de novidade, deixando Miguel no mesmo lugar em que ele começou – no tédio de seu dia a dia –, com a diferença de que ele tem mais contas para pagar.

E Miguel continua em um trabalho no qual ele não se sente motivado e para o qual não acha propósito. Como já não tem a mesma facilidade para mudar ou desistir de uma vez por todas de quando ele começou – amarrado às despesas de todas as suas aquisições (na sua luta por parecer mais adulto) –, ele percebe que vai ter que tomar cuidado na hora de fazer uma próxima mudança.

E assim vão se passando os anos e, antes que ele perceba, sua vida se torna mais restrita e perde muito da liberdade que ele uma vez acreditou que teria para sempre.

E de repente, também sem perceber, ele começa a usar as mesmas desculpas "inteligentes" que a maioria dos outros adultos que não foram atrás de seus sonhos normalmente empregam para acalmar suas dúvidas e para soar como acham que uma pessoa mais sábia e madura deveria soar.

"Não dá para realmente fazer aquilo de que eu gosto, preciso pagar as contas."

"Não dá para largar tudo só por um sonho."

E a mais usada e batida de todas:

"A vida é assim."

Pode ser que Miguel até consiga fazer algo que o motive e o preencha durante o seu tempo livre, algum esporte ou até alguma atividade artística, mas, conforme ele vai amadurecendo e acumulando mais responsabilidades, esses momentos vão ficando mais e mais escassos. E o triste é que a maioria das pessoas começa a viver em função desses poucos momentos de liberdade, ou, mais especificamente, em função dos finais de semana e das férias – e tudo o que acontece no intervalo disso vira um mal necessário com o qual é preciso lidar para poder ter esses preciosos momentos de felicidade e prazer.

Deprimente, não é?

Não é de surpreender que tantos desses "adultos", que nos parecem ter tudo tão sob controle, terminem gastando fortunas em terapeutas (ou outras coisas mais ou menos produtivas) para tentar entender o que os incomoda ou deprime tanto, e por que eles se sentem sem um propósito, apesar de todos os "bens" que eles têm acumulado.

Mas voltemos ao momento em que o jovem está prestes a escolher sua faculdade e o que ele quer estudar.

Se ele por alguma boa ventura tem a sorte de ter desenvolvido sua autoconfiança e conhecimentos próprios, ou de ter pais que o apoiam e motivam a seguir seus sonhos, acreditando que ele tem a capacidade de definir sua própria vida, optará pelo caminho dele,

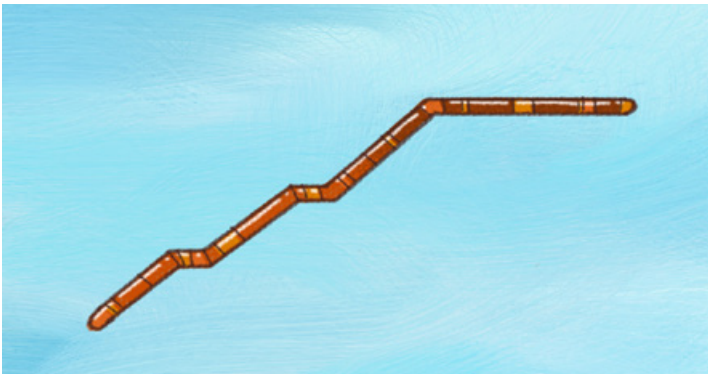
mesmo que para os outros pareça muito bizarro ou incerto – por exemplo, o caminho da gastronomia. A jornada dele (se ele não desistir) provavelmente vai seguir uma curva similar a esta aqui:

*Figura*



Vamos chamar esse outro jovem de Pedro. Ele provavelmente não vai receber as gratificações imediatas que Miguel vai conquistar rapidamente – salários altos, viagens, prêmios, status e demais bônus associados aos caminhos mais seguros, que seguem um gráfico similar a este aqui:

*Figura*





A liberdade tem um preço e requer coragem. Não é um caminho fácil, nem é um caminho que já foi traçado por alguém com todas as respostas prontas, que basta apenas decorar e seguir.

Não, em vez disso, Pedro vai se deparar logo cedo com as dificuldades do mundo bem menos glamuroso do esforço pessoal e terá que criar um caminho próprio. Diferente do Miguel, que não tem que pensar ou se questionar muito no começo, já que ele rapidamente recebe um papel definido com responsabilidades e objetivos claros a serem cumpridos, Pedro vai enfrentar o medo de não saber o quê, nem como fazer o quê, além da necessidade de ter que se inventar e de ter que criar seu próprio dia a dia.

Esse é um processo bem diferente, e bem mais profundo, já que não depende das avaliações ou aprovações dos outros e que dá medo, pois a responsabilidade fica só em nós mesmos. Não há para quem reclamar nem para quem apontar, se não dá certo. Mas é só através desse processo que podemos começar a desenvolver aquela competência tão escassa e tão necessária no mundo de hoje – a coragem.

Pelo fato de que Pedro vai ter que percorrer um caminho muito, mas muito mais longo para conseguir algum tipo de reconhecimento, a única coisa que vai segurá-lo em sua jornada é a paixão pelo que faz: a felicidade e o ânimo que sente ao acordar, a emoção com cada pequeno passo que dá e o compromisso imutável com o que ele faz. Para ele, isso tem um sentido, e não vai existir relógio, fim de semana ou fim do mês, já que seu trabalho é uma direta expressão de quem ele é, e, por mais que os outros questionem, ele vai saber que é o caminho certo.

Mas voltemos ao ponto em que Miguel e Pedro estão prestes a tomar uma decisão sobre o vestibular.

O que a maioria dos jovens não sabe e que ninguém fala para eles é que, no momento em questão, todos os Miguéis e Pedros do mundo são as pessoas mais milionárias do mundo.

Sim, é verdade, todos nós aos quinze, dezesseis, dezessete e dezoito anos somos milionários, mais do que podemos imaginar – porque temos nas mãos o bem mais precioso e valioso de todos, o TEMPO.

Somos milionários porque temos todo o tempo do mundo para fazer e construir os nossos sonhos.

Se falamos com alguém de trinta anos para cima, que já está amarrado a um emprego pelas suas responsabilidades, ele provavelmente vai falar:

“Se eu pudesse ter mais tempo para fazer aquilo de que eu realmente gosto...”

Mas os Miguéis e os Pedros aos dezoito anos têm todo esse tempo e muito, muito mais, e por isso não deveriam sentir medo ou pressa para escolher as carreiras que oferecem uma vida mais “segura”. Qual é a pressa? Que é um, dois ou três anos quando você tem dezoito anos?

Eles deveriam ser incentivados a usar sua conta milionária de horas para explorar, experimentar, viajar, aprender e continuar alimentando sua maravilhosa curiosidade e imaginação que, no final, são as únicas coisas que nos mantêm jovens e animados – com responsabilidade, claro, aprendendo o valor de tudo e a pagar suas próprias despesas, desenvolvendo um relacionamento sadio com o dinheiro – mas sem sentir pressão para competir pelo primeiro lugar ou pelo status, e muito menos contra quem tem mais de qualquer coisa.

Deveríamos incentivar todos os Miguéis e os Pedros a se conhecerem e a se sentirem à vontade com seus próprios desejos, expressando-os, para que possam aprender a encontrar seus próprios caminhos, nem que tenham que criá-los a partir do zero, sem medo do fracasso ou do "o que diriam". Mas, muitas vezes, parece que os adultos desconfiam da capacidade de um jovem de dezoito anos de saber do que ele gosta (e bem rápido ensinam ao jovem que ele verdadeiramente não tem como saber do que ele mesmo gosta) e acham que é responsabilidade deles fazer as escolhas desse jovem para evitar qualquer problema.

Deveríamos incentivar todos os Miguéis e os Pedros a se conhecerem e a se sentirem à vontade com seus próprios desejos, expressando-os, para que possam aprender a encontrar seus próprios caminhos, nem que tenham que criá-los a partir do zero, sem medo do fracasso ou do "o que diriam".

Não é de surpreender que tantos estejam na metade do caminho ainda se questionando por que se sentem tão confusos.

---

Existe uma história fabulosa chamada "The Rocket" [O foguete], escrita por Ray Bradbury, um renomado escritor de ficção científica, que aborda de uma forma muito especial o valor de seguir um sonho.

A história fala de um pai que sonhava em viajar para o espaço, mas ele era um mecânico que vivia de reaproveitar sucata e só tinha dinheiro suficiente para comprar uma passagem. Ele queria muito, muito ir, era o sonho de sua vida, mas estava preocupado que sua mulher e seus filhos ficassem magoados se fosse sozinho.

De repente, um dia apareceu uma pessoa querendo vender um modelo de foguete espacial que foi usado como referência para a construção de um foguete verdadeiro. Quando ele viu o modelo, teve uma ideia e, apesar de ser muito caro para seu orçamento, decidiu comprá-lo. Logo usou todo o resto do dinheiro que tinha poupado para equipá-lo com motores e instrumentos que o ajudassem a simular a experiência de uma viagem para o espaço. Trabalhou dia e noite sem cansar, até que o foguete ficou pronto. Correu para chamar seus quatro filhos e sua mulher, insistindo para que se vestissem rapidamente e preparassem as malas, já que iam embarcar na melhor viagem das suas vidas.

Quando estavam todos os filhos na nave (a mulher, achando que o marido havia perdido o bom-senso, não aceitou o convite), o pai explicou para eles que só tinha dinheiro suficiente para fazer uma só viagem, portanto, era para eles aproveitarem muito, porque seria a única vez nas suas vidas que iriam para o espaço. Depois que todos afivelaram os cintos de segurança, ele ligou os motores e as luzes que tinha instalado, e em um instante todos "decolaram". Os filhos, emocionados ao sentirem o poderoso sacolejo da decolagem, passaram a observar através das janelas e ficaram maravilhados ao ver o céu escurecer e os primeiros planetas aparecerem.

Ficaram uma semana inteira apontando para as estrelas e planetas que iam aparecendo pela janela, até que "aterrissaram" de volta ao planeta Terra e saíram do foguete – que, na verdade, nunca havia se mexido do seu lugar no jardim atrás da casa deles.

Os filhos correram emocionados e cheios de alegria para contar para a mãe sobre a incrível viagem que tinham feito.

Essa história me lembrou de uma experiência muito especial que eu tive há alguns anos, em uma dessas épocas em que eu estava procurando por alguma coisa que fizesse sentido.

Lá estava eu, na Guatemala, com uns trinta e poucos anos passando por um dos meus muitos momentos de não saber bem o que queria fazer da minha vida, me questionando se precisava voltar a mudar de emprego ou não e lendo todos os livros que me ajudassem, quando resolvi que a solução para meu desânimo poderia ser um veleiro. Logrei convencer duas amigas igualmente inquietas e solteironas, também meio sem rumo, a entrar na aventura comigo.

Para nossa alegria, de cara tivemos muita sorte, porque achamos um veleiro que tinha acabado de afundar e que estava sendo vendido por um preço que, dividido entre as três, poderíamos pagar.

Detalhe: nenhuma de nós jamais tinha velejado, e achávamos que só com uma pintura e cortinas novas o veleiro estaria pronto para navegar. Seríamos as três primeiras *guatemaltecas* a dar a volta ao mundo.

Bom, logo descobrimos que teríamos um belo trabalho pela frente... O sistema elétrico precisava ser completamente trocado, o mastro estava avariado e grande parte da madeira interna tinha apodrecido, mas pelo menos o barco flutuava e tinha um motor e velas que funcionavam.

Começamos a ir todos os fins de semana trabalhar no nosso barco, e, nos outros dias, líamos todos os livros sobre velejar que conseguíamos achar. Também fizemos algumas aulas básicas de velejo e, conforme fomos aprimorando os nossos conhecimentos marítimos, arriscamos pequenas aventuras, percorrendo baías próximas de onde nosso barco estava ancorado. E também passamos a fazer parte da comunidade da marinha e a conhecer alguns dos marinheiros, verdadeiros lobos do mar, que tinham histórias fantásticas de travessias pelo oceano.

Nosso sonho era grande, e não desanimamos apesar de tudo o que precisava ser consertado e de tudo o que implicaria planejar e fazer uma viagem ao redor do mundo. E nossas vidas adquiriram uma razão de ser, de repente tínhamos um propósito pelo qual correr atrás.

No fim, não conseguimos velejar além da região onde estava ancorado nosso veleiro. De repente meu trabalho me ofereceu uma oportunidade de ir para a Nova Zelândia, que me pareceu uma forma mais rápida (e confortável) de ver o mundo, mas nunca vou me esquecer de algumas palavras que meu pai me falou nessa ocasião:

“Que bom que você conseguiu realizar esse sonho tão cedo. Existem pessoas que têm de esperar uma vida inteira até se aposentar para poder viver uma experiência assim.”

E pensar que eu ocultei esse veleiro por meses dos meus pais por medo do que eles fariam... Tinha que ter percebido que estava mentindo por diversão!

Até hoje, cada vez que me lembro desses dias, sinto uma felicidade enorme de saber que consegui fazer isso.

Até hoje, cada vez que me lembro desses dias, sinto uma felicidade enorme de saber que consegui fazer isso. Contra tudo o que os outros pensaram de negativo, nós conseguimos viver uma vida de marinheiras malucas, levando turistas e

amigos para pequenas excursões, ouvindo música enquanto as velas se inflavam de ar, improvisando nossas refeições a bordo e acordando cedo com o movimento das ondas.

Poucas coisas se comparam a essa experiência que me deixou tantas memórias inesquecíveis e a esse sentimento indescritível que ainda tenho quando estou fazendo algo de que realmente

gosto, por mais maluco e sem cabeça que possa parecer aos outros.

Porque a única coisa mais dolorosa do que não alcançar um sonho é não correr atrás dele, desistir e se conformar sem sequer tentar, perdendo a energia e a felicidade que a aventura pode nos gerar.

### **VÍDEO SUGERIDO**

Randy Pausch – Really achieving your childhood dream

(Alcançando realmente o seu sonho de infância):

[www.ted.com/talks/randy\\_pausch\\_really\\_achieving\\_your\\_childhood\\_dreams.html](http://www.ted.com/talks/randy_pausch_really_achieving_your_childhood_dreams.html)







## Capítulo 3

# MUITOS CAMINHOS, MUITAS VIDAS

---

*"A jornada mais longa é a jornada a nós mesmos."*

– K. PITTMAN

---

O que parece acontecer frequentemente é que temos medo de dar o primeiro passo porque ficamos na dúvida – será que devo ir por este caminho ou por esse? Mas qual é o certo? E, mais importante, qual vai me garantir que vou ser feliz e ter sucesso, livre de arrependimentos?

A verdade é que não existe caminho certo ou errado, e a vida não é como um plano de negócios ou uma lição de casa que tem um começo e um fim bem definidos.

Claro que a gente pode e deve traçar planos, objetivos e sonhos para saber aonde queremos ir, mas "como" chegaremos lá é toda uma outra história. O papel ou o caderninho onde anotamos os nossos sonhos não respondem, eles aceitam docilmente qualquer coisa que queiramos escrever. Mas a vida, sim, responde e vai nos trazer situações e decisões que nem imaginávamos e para as quais talvez não deveríamos dar as costas simplesmente porque "não se encaixam" nos planos que traçamos ou nas imagens que idealizamos a respeito de como a vida tinha que ser.

A verdade é que nem imaginamos as surpresas e as oportunidades que a vida tem para nós se realmente acreditarmos e correremos atrás dos nossos sonhos.

Às vezes ficamos confusos e temerosos ao tomarmos algumas decisões na vida, como aquela tão grande em relação ao que estudar, porque não queremos errar e pensamos que, se erramos nessa primeira decisão, vamos errar para o resto das nossas vidas – que seremos uns fracassados. De onde tiramos essa lição tão distorcida? Será pelas muitas provas que enfrentamos e notas que conquistamos, além do fato de que nos programaram para pensar que só há um conjunto de respostas certas, que só podemos ter essas respostas para nos darmos bem na vida?

Não sei em que momento começa a acontecer essa distorção e como poderíamos fazer para que fosse aprendido desde muito

Quando erramos, percebemos que fizemos alguma coisa que não funcionou como esperávamos ou acreditávamos e nos vemos forçados a parar e refletir sobre nossas ações.

cedo que errar é a parte mais valiosa e importante do processo. Só através dos nossos erros é que aprendemos e crescemos. Quando erramos, percebemos que fizemos alguma coisa que não funcionou como esperávamos ou acreditávamos e nos vemos forçados a parar e refletir sobre nossas ações. O sucesso, muito pelo contrário, não nos faz parar para refletir. Ele nos faz comemorar e bater palmas para nós mesmos. O

sucesso pode até ser perigoso, porque nos confirma que estamos fazendo as coisas certas e nos enche com muito orgulho até o ponto de acharmos que já não temos muito mais para aprender.

Talvez por isso que a vida é tão sábia e não entrega o sucesso de um dia para o outro. Sempre vamos ter algo para aprender, e é importante que os nossos erros nos deem a humildade necessária para reconhecer isso.

Por mais que a mídia tente nos vender a ideia de que o sucesso de algumas pessoas foi só uma questão de muita sorte e de pouco esforço, a verdade por trás dessas histórias é bem diferente. Na maioria das vezes, as pessoas lutaram e sacrificaram muito para realizar seus sonhos, e quando o sucesso chegou a elas não foi uma grande revelação – de qualquer jeito, elas já estavam se dedicando de corpo e alma a fazer o que amavam.

Os erros vão nos fortalecendo e provando se temos a energia necessária para continuar, mesmo depois de ter tomado um tombo feio na frente dos outros.

E que melhor exemplo que a vida de Steve Jobs e a quantidade de tombos que ele encarou até chegar aonde ele chegou para ilustrar a importância dos erros, dos fracassos e de seguir o nosso instinto, fazendo aquilo que realmente gostamos.

Na palestra que proferiu em uma cerimônia de graduação em Stanford, ele contou sobre os vários fracassos que teve na vida e como cada um deles o levou a coisas muito melhores. Começou com a faculdade, da qual depois de seis meses ele desistiu porque não conseguia ver propósito no enorme investimento em tuição que seus pais faziam para ele ter um título universitário. Mas ele decidiu ficar no campus e aproveitar a estrutura que a faculdade oferecia para assistir como ouvinte às aulas que realmente achava interessantes. Assim, ele frequentou aulas de tipografia que amou e aprendeu tudo sobre os diversos tipos e os detalhes que os diferenciam uns dos outros.

Totalmente fracassado e improdutivo, certo?

O fato é que essa decisão faria toda a diferença anos depois, quando ele construiu o primeiro Macintosh. Tudo o que tinha aprendido sobre tipografia voltou à mente dele quando decidiu que esse seria o primeiro computador pessoal com letras bonitas e agradáveis de ler.

Jobs conquistou muito sucesso e reconhecimento no mercado, mas logo aos 30 anos foi demitido da Apple pelo próprio CEO que ele tinha contratado. Eles começaram a ter opiniões diferentes, e o *board* decidiu que o CEO estava certo; assim, mandaram Steve Jobs embora. Apesar de se sentir muito chateado e humilhado, ele percebeu que ainda estava fazendo o que realmente gostava de fazer. Assim, depois de alguns meses, ele voltou a se erguer e criou duas novas empresas, a Next e a Pixar. A ironia da coisa é que, anos depois, a Next foi comprada pela Apple, e em seguida ele foi convidado para trabalhar de novo na empresa. O resto da história todos nós conhecemos.

Ele concluiu sua palestra explicando que realmente não dá para prever o futuro e que só é possível conectar os pontos das nossas vidas quando olhamos para trás. Ainda, o melhor que podemos fazer a cada momento de nossas vidas é nos voltar para o que realmente gostamos e ter confiança em nossos instintos.

*Figura*



Se ainda não sabemos do que gostamos, precisamos, segundo Jobs, continuar procurando incansavelmente até descobrir a nossa paixão. Por nenhuma razão devemos nos conformar com qualquer

coisa. A verdade é que nosso trabalho é uma extensão de nós mesmos, e vamos passar grande parte dos nossos dias trabalhando. Não podemos simplesmente nos conformar com algo que pague as contas.

Ele também enfatizou a importância de nos questionarmos, da mesma forma que ele fez em todos os dias de sua vida:

“Se hoje fosse meu último dia, o que eu gostaria de fazer?”

A importância de nos questionarmos, da mesma forma que ele fez em todos os dias de sua vida: “Se hoje fosse meu último dia, o que eu gostaria de fazer?”

Cada vez que ele percebia que tinha passado vários dias insatisfeito, parava e refletia sobre suas decisões e o que estava fazendo, para descobrir a partir de onde ele tinha se desviado.

A maioria de nós insiste em achar um atalho, pensando que vai conseguir conectar os pontos antes de começar o caminho se escolher algo seguro, conhecido e sem riscos – em vez de confiar em nossos instintos, nos deixamos levar pelo que aparentemente deu certo para outros ou pelo que os outros acham que é o certo. Muitos pensam que, se deu certo para outra pessoa, então a única coisa a fazer é seguir o mesmo caminho, para se poupar de qualquer arrependimento.

Mas não existem atalhos e não há ninguém que consegue encarar a vida inteira livre de arrependimentos – é melhor não fugir do medo de ter que construir o nosso próprio caminho e aceitar que os pontos das nossas vidas só vão fazer sentido uma vez que olhemos para trás.

Como diz o lindo poema de Antonio Machado:

“Caminhante, não há caminho. Faz-se o caminho ao andar.”

Por isso que também é importante reconhecer as mentiras que nós contamos a nós mesmos e aos outros para nos sentirmos aceitos, e tentar achar o que procuramos esconder, por medo ou vergonha. Aquilo de que gostamos está aí, todos temos algo de que gostamos e que encobrimos. Por menor, mais simples ou ridículo que pareça, é um ponto de partida que devemos ouvir e seguir, sem questionar se está certo ou errado. Não existe certo ou errado, só há o que é de cada um de nós.

Se gostamos de números, se gostamos de assistir a programas de médicos costurando pescoços, se gostamos de nos fechar em nosso quarto para ouvir música por horas, se gostamos de pintar paredes ou de ler novelas de ficção científica, se gostamos de estar sempre rodeados de pessoas e de conversar sem parar, se gostamos de resgatar bichos e caminhar no mato, se gostamos de inventar receitas e cozinhar, se gostamos de fazer os outros rir, não importa quão diferente ou estranho pareça o que gostamos, o importante é que é nosso. Alguém deu isso para a gente e precisamos fazer disso parte de nós.

Por isso que a coisa mais importante que devemos nos perguntar é: Do que gostamos?

E precisamos nos fazer essa pergunta mil e uma vezes até reencontrar o nosso ponto de partida.

E também é muito importante estarmos sempre abertos e curiosos pelas coisas e situações que a vida nos coloca. A vida vai nos oferecer ferramentas para nos ajudar a nos entendermos melhor. Mesmo se não gostamos do que temos pela frente, isso é bom, porque nos ajuda a descobrir do que não gostamos (senão, como iríamos saber que não gostamos disso?) e a construir o caminho na direção que faz mais sentido para nós, mesmo que não enxerguemos mais do que alguns passos adiante.

O fato é que não vamos conseguir enxergar o caminho completo, nem cada um dos passos que vamos dar nele. É como quando estamos dentro de um carro em uma noite nublada e só conseguimos enxergar alguns metros à frente, e vamos trecho a trecho percorrendo o caminho<sup>3</sup>. É o mesmo com as nossas vidas. Não dá para ver o caminho completo porque não temos como imaginar as surpresas e oportunidades que a vida tem para nós.

E se essa é uma realidade que precisamos aceitar, e se estamos todos no mesmo barco, por que não começar a andar pelo nosso caminho fazendo as coisas de que gostamos e que fazem sentido para nós?

Ninguém, nem mesmo aqueles que optam pelos caminhos aparentemente mais "certos" e "seguros", consegue enxergar o que a vida vai trazer e como será a própria reação.

A diferença é que quem começa o caminho fazendo algo de que realmente gosta, encarando o medo e a insegurança que podem surgir, se coloca na fascinante jornada do autoconhecimento. E desenvolve o que de mais importante podemos ter dentro de nós para conseguir realizar os sonhos: a autoconfiança de saber que, apesar de não podermos enxergar aonde a nossa decisão vai nos levar, estamos seguros de estarmos seguindo a nossa verdade, e não a verdade de alguém mais.

Se pensarmos assim, fica mais simples tomar essa primeira grande decisão do que devemos estudar. É simples: o que você gosta de fazer? Por que ter medo de escolher algo de que gostamos e curtimos? Se você fizer algo de que gosta, você vai ser feliz, se você é feliz, também será mais receptivo às oportunidades que a vida vai trazer, e se você é mais receptivo, a vida vai lhe dar mais chances de conquistar seus sonhos.

O que acontece frequentemente é que até chegamos a escrever e a traçar os nossos sonhos com animação e confiança, mas,



como eles não acontecem da forma e no tempo que esperávamos ou imaginávamos, nós rapidamente desistimos.

Não entendemos que é o processo de chegar até eles que é valioso e prazeroso, e que o caminho não é uma linha reta do ponto A ao B, como aprendemos nas aulas de matemática. Ele é uma linha retorcida e instigante, que volta e se desvia a toda hora, sem poder se conter dentro dela mesma.

*Figura*



É natural que no processo da descoberta nós nos desviemos, exploremos e tentemos coisas que não parecem ter sentido – porque é aí, nesses momentos, que estão as grandes possibilidades de aprendizagem nas nossas vidas.

E isso porque nós não somos uma coisa só somos seres mutantes e cheios de contradições.

Em um dia gostamos de chocolate, no outro, de batata frita; em um dia gostamos do nosso amigo, no outro, não. É natural que no processo da descoberta nós nos desviemos, exploremos e tentemos coisas

que não parecem ter sentido – porque é aí, nesses momentos, que estão as grandes possibilidades de aprendizagem nas nossas vidas.

Por isso que, quanto mais rápido entendermos e aceitarmos que o nosso caminho vai ser único e, apesar de todos nossos esforços, imprevisível, mais rápido nos sentiremos livres para escolher aquilo de que realmente gostamos.

### VÍDEO SUGERIDO

Steve Jobs: How to live before you die (Como viver antes de morrer):  
[www.ted.com/talks/steve\\_jobs\\_how\\_to\\_live\\_before\\_you\\_die.html](http://www.ted.com/talks/steve_jobs_how_to_live_before_you_die.html)

RS 5,99





## Capítulo 4

# VIRAR-SE COM POUCO E COM MUITOS PROBLEMAS

---

*"Alguém precisa ter o caos em si mesmo  
para dar à luz uma estrela dançante."*

– F. W. NIETZSCHE

---

Nunca vou me esquecer das palavras que um de meus irmãos me disse há muitos anos, quando ele estava começando um de seus primeiros empreendimentos:

"Só a verdadeira necessidade gera verdadeira criatividade."

Naquela época ele tinha uns dezessete ou dezoito anos, e com um amigo da escola decidiu montar uma cevicheria, que é um tipo de restaurante comum em muitos países latino-americanos onde se serve.

O ceviche é um prato originário do Peru, feito de pescado cru cortado em cubinhos e marinado em limão, temperado com salsinha, cebola e tomates picadinhos. Há outras variações dele, dependendo do país. No Peru, ele é guarnecido com milho e batata-doce, e, na Guatemala, há preferência por agregar pedaços de abacate ao pescado. É o tipo de prato que as pessoas comem durante um sábado ensolarado com biscoitos salgados e um par de cervejinhas bem geladinhas, ou quando estão assistindo a um jogo de futebol.

Bom, meu irmão e seu amigo pouco sabiam de ceviches ou de pescados, mas já frequentavam alguns estabelecimentos desse tipo com seus amigos e decidiram montar uma cevicheria própria.

Eles começaram em um quarto de 4 m<sup>2</sup>, onde cortavam os filés de pescado e preparavam os ceviches que logo depois iriam servir nas duas mesas de plástico que tinham colocado na calçada em frente ao estabelecimento. Essa calçada dava para uma estrada de terra que ficava longe das avenidas principais e onde os poucos carros que passavam levantavam nuvens de poeira.

Nunca vou me esquecer do primeiro sábado em que meus pais e eu fomos lá para experimentar o famoso *ceviche*. Aquilo parecia tão pequeno e insignificante, um sonho de dois jovens sem noção da realidade, mas quem éramos nós para criticar aqueles primeiros passos?

Eles não pareciam ter nenhum problema com o tamanho do empreendimento que estavam fazendo, nem com o longo caminho que eles tinham pela frente.

Logo decidiram que seria melhor entregar peixes nas casas das pessoas, e, já que estavam investindo seu tempo em escolher peixes de boa qualidade para fazer seus ceviches, os únicos adicionais de que precisavam eram uma geladeira e uma pick-up para entregar os peixes de bairro em bairro. Esse negócio deu muito certo e em pouco tempo eles se mudaram para um centro comercial que tinha acabado de ser lançado em um dos bairros mais nobres da cidade.

O negócio continuou crescendo e rapidamente eles perceberam outra oportunidade.

Uma parte do centro comercial não estava sendo usada, e eles acharam que seria perfeita para montar uma verdadeira cevicheria ao ar livre. Negociaram com os donos do centro e montaram o

restaurante, que logo se tornou um dos pontos de encontro mais populares para os jovens da cidade.

Vários anos depois, quando ele já tinha vendido esse negócio e embarcado em outros empreendimentos, eu estava trabalhando na Nova Zelândia e me lembrei de suas palavras.

A Nova Zelândia é um país excepcional no qual as pessoas estão mais preocupadas com seus esportes e aventuras do que com as marcas de carros ou de roupas que elas usam – até consideram de mau gosto adquirir produtos de marcas muito pomposas, porque acham que isso mostra que a pessoa só tem valores materiais. Não é de surpreender que, sendo um país tão pequeno, com apenas quatro milhões de habitantes, eles tenham conseguido desenvolver de forma tão bem-sucedida indústrias como a do vinho e a da lã merino.

A Nova Zelândia é um país excepcional no qual as pessoas estão mais preocupadas com seus esportes e aventuras do que com as marcas de carros ou de roupas que elas usam.

Uma amiga da Guatemala veio me visitar quando eu estava lá e decidimos fazer um *tour* pela Ilha Sul, famosa pelos seus cenários de *O senhor dos anéis* e outras belezas naturais. Alugamos um carro e fomos até Christchurch, a cidade dos esportes radicais – não só *bungee jumping*, mas *bungee jumping* de paraquedas, lanchas de alta velocidade e demais esportes extremos que os neozelandeses inventaram para atrair o maior número de turistas para essa cidade, que não tem mais do que um lago e um par de picos ao redor dele.

Bom, lá estávamos nós fazendo turismo e decidindo que caminho tomar quando entramos na loja de uma galeria de arte e achamos algumas peças muito curiosas e divertidas. O artista tinha usado

umas conchas típicas da Nova Zelândia, e com três ou mais delas tinha montado um sisteminha que funcionava como uma minifonte, em que um arame conectava uma concha à outra, e um tipo de punho permitia regular o movimento das conchas e a queda da água. Era demais! O tipo de coisa frívola, mas que faz você sorrir espontaneamente. Mas como as peças eram muito caras logo desistimos (infelizmente ainda não existia o iPhone e não consegui tirar uma foto!).

Continuando a nossa viagem, fomos até a ponta mais ao sul da ilha, onde não há absolutamente nada mais do que areia, mar e algumas árvores que conseguem sobreviver aos ventos fortíssimos que sopram por lá. Fomos visitar uma reserva natural e vimos os famosos pinguins com a ajuda dos nossos binóculos. Em uma das pousadas onde ficamos, também me lembro de que algo me chamou a atenção: havia mudas que não tinham sido plantadas em potes, mas em botas velhas que escaladores já não conseguiam mais usar.

### *Figura*



Começamos nosso caminho de volta tentando pegar estradas diferentes das que tínhamos tomado para descer a fim de ver novos lugares, e, depois de algumas horas dirigindo, passamos pelo que parecia ser um trailer verde enfeitado com todo o tipo de maluquices feitas de madeira. Curiosas, demos a volta e estacionamos na frente para ver do que se tratava.



Na entrada tinha uma baleia enorme que funcionava como a caixa de correio – você puxava uma manilha e a enorme boca abria-se ao mesmo tempo que um par de campainhas tocavam. Um homem pequeno e magro abriu a porta, e nos pareceu que um hobbit real nos convidava a entrar. Mas oh, surpresa! Ao subirmos as escadas, nos encontramos dentro de um ateliê rodeadas de objetos mágicos e inusitados, dentro dos quais estavam as minifontes que tínhamos visto na galeria – ele era o artista por trás daquelas peças!

O trailer era sua casa e ateliê, onde ele fazia suas criações exclusivamente com materiais reciclados que tinha achado nas ruas, nas praias ou nos bosques. Suas obras não eram baratas, mas consegui comprar duas – uma mini baleia feita de metal e um passarinho que se chamava *kiwi dreams*. Ele empacotou cada peça dentro do que em outra vida foi uma lata de leite em pó e se despediu alegremente. Até hoje guardo meu passarinho e me lembro desse personagem no meio da nada com tanta alegria e criatividade elaborando aquelas peças tão valiosas e inusitadas.

### Figura



Essas histórias podem parecer desconexas, mas lembrei-me delas recentemente lendo o livro *What I wish I knew when I was 20* [O que eu gostaria de ter sabido quando tinha 20 anos], da Tina Seelig, professora de empreendedorismo de Stanford. Nele ela explica que, na visão dela, é muito importante desde muito cedo estimular os estudantes a criar a partir de muito pouco.

E o curioso é que, o que no começo pode parecer impossível, logo se torna uma lição muito importante sobre o quão poderosa e valiosa pode ser a nossa criatividade e como o dinheiro não é mais que um limitante imaginário.

Por isso, ela começa sua aula de empreendedorismo com um exercício um pouco inusitado, mas que está focado em desenvolver o que ela chama de "a mentalidade de um empreendedor", ou a capacidade de poder se virar com pouco. Ela entrega para cada aluno um envelope com 5 dólares e fala que eles têm esse dinheiro e duas horas para gerar algo de valor. E o curioso é

que, o que no começo pode parecer impossível, logo se torna uma lição muito importante sobre o quão poderosa e valiosa pode ser a nossa criatividade e como o dinheiro não é mais que um limitante imaginário.

Depois de fazer esse exercício por anos, ela compartilhou algumas das ideias mais engenhosas que alguns de seus estudantes já conceberam. Uma delas é de um grupo que montou um posto na entrada da faculdade para encher os pneus das bicicletas de ar, enquanto outro grupo viu que tinha uma oportunidade nas longas filas de espera nos restaurantes – fizeram reservas em todos e ficaram na fila para vender suas posições para pessoas que queriam entrar no restaurante sem ter que esperar.

Mas o grupo mais bem-sucedido foi o mais visionário. Eles enxergaram claramente que o crucial não era os 5 dólares ou as 2 horas que ela tinha dado, mas os 3 minutos que eles teriam para apresentar seu projeto para o resto da classe. Então, procuraram empresas que tinham produtos que queriam vender e divulgar para esse público-alvo (estudantes jovens) e negociaram tempo de publicidade para que essas empresas pudessem promover seus produtos e serviços para o resto de seus colegas.

Tina achava que esse exercício era muito eficiente, mas ficou pensando que seria bom mostrar que o sucesso e o valor nem sempre precisam ser medidos em termos financeiros. Assim, em vez dos 5 dólares, ela adaptou o exercício e ofereceu 10 cliques de papel, pedindo aos alunos para que gerassem a maior quantidade de "valor" possível.

E os resultados desse exercício também foram muito diversos e inesperados.

Uma equipe decidiu que os cliques eram uma nova moeda e começou a colecionar o maior número que encontrou, outro grupo decidiu romper o recorde mundial da fileira mais comprida de cliques de papel, enquanto um terceiro fez um vídeo mostrando como se pode romper cadeados usando cliques. Dessa vez, o mais criativo foi um grupo que posicionou em um shopping um cartaz: "Estudantes de Stanford à venda: compre um e ganhe dois." Eles foram contratados por uma mulher para resolver um problema de negócios que ela tinha.

Tina também insiste que, para desenvolver essa "mente de empreendedor" e a habilidade de virar-se com pouco, precisamos estar atentos a todos os problemas que nos rodeiam no nosso dia a dia, já que, segundo ela, quanto maior o problema, maior a oportunidade.

Para mostrar isso, ela passa um exercício em que pede para os alunos mostrarem suas carteiras e inspecionarem as dos outros. Em seguida, ela pede para eles contarem o que os incomoda em relação às suas carteiras, cada um tem uma queixa particular do que funciona e do que não funciona. Por último, ela entrega papel, tesouras e cliques para eles desenharem o tipo de carteira que eles acham que resolveria seus problemas. O ponto que ela quer mostrar com esse exercício é que existem problemas em todas as coisas ao nosso redor e que as pessoas que desenvolvem a "cabeça de empreendedor" estão sempre procurando o que pode ser feito para solucionar esses problemas.

E, segundo Cameron Herold, empreendedor muito bem-sucedido que começou sua carreira precocemente, essa "cabeça de empreendedor" deveria ser fomentada desde muito cedo, desde que somos crianças. Na sua palestra no TED "Vamos criar as nossas crianças para serem empreendedoras", ele explica como com ações pequenas, como pedindo para as crianças contarem suas próprias histórias (em vez de sempre contar histórias para elas) e para elas procurarem coisas para arrumar em casa (em vez de sempre dar uma mesada fixa), pode-se ir nutrindo esse tipo de mentalidade. Ele conta como desde muito cedo seu pai o ensinou a ser empreendedor, e como com muito pouco ele começou a montar seus primeiros pequenos negócios – vendendo cabides, recolhendo bolas de golfe, vendendo refrigerantes e gibis – e como através dessas experiências ele foi aprendendo o que funcionava e não funcionava, como se colocava um preço, como se negociava e convencia e onde estavam as melhores oportunidades de negócios.

Porque é com poucos recursos e muitos problemas que somos forçados a procurar soluções e ideias inusitadas que podem nos ajudar a criar soluções e coisas mágicas.

Um sonhador precisa desenvolver essa "mente de empreendedor", já que, muitas vezes, seu caminho vai exigir que ele se vire com pouco e com muitos problemas, e isso é bom. Porque é com poucos recursos e muitos problemas que somos forçados a procurar soluções e ideias inusitadas que podem nos ajudar a criar soluções e coisas mágicas.

## VÍDEO SUGERIDO

Cameron Herold – Let's raise kids to be entrepreneurs  
(Vamos criar as nossas crianças para serem empreendedoras):  
[www.ted.com/talks/cameron\\_herold\\_let\\_s\\_raise\\_kids\\_to\\_be\\_entrepreneurs.html](http://www.ted.com/talks/cameron_herold_let_s_raise_kids_to_be_entrepreneurs.html)





## Capítulo 5

# MUITOS AMIGOS MALUCOS E OTIMISTAS

.....

*“Quando você tem um gosto para pessoas excepcionais, você sempre acaba as encontrando por toda a parte.”*

– M. ORLAN

.....

Quando eu estava na escola, tinha um companheiro na nossa sala de aula que era bem esquisito. Ele se chamava Edgard, e todo mundo o zoava e ria dele. Para começar, ele era chinês, e a nossa classe e a escola na Guatemala era muito homogênea só ele e outra menina tinham esses olhos rasgados que mal conseguiam ver, e que nós achávamos tão engraçados.

Na verdade, não apenas a nossa classe e escola eram homogêneas demais, mas a cidade toda se dividia em três grandes grupos: brancos ou descendentes de europeus, *ladinos* (europeus mesclados com indígenas) e indígenas. Qualquer outra nacionalidade ou mescla era muito pequena e muito pouco representada, e acho que até hoje nunca me encontrei com uma pessoa negra na Guatemala.

Mas não era só a sua nacionalidade chinesa que fazia do Edgard um menino diferente.

Ele tinha um problema muito sério. Acontecia que o cérebro dele ia a mil por hora – ele era inteligente demais, e as revoluções dentro da sua cabeça evoluíam muito mais rápido do que o seu corpo conseguia acompanhar. Por isso, quando ele queria dizer

alguma coisa, tropeçava nas palavras que saíam de sua boca e terminava cuspidando por todo o lado, em seu anseio por transmitir a mensagem ou pensamento que ele acabava de ter. Nós dávamos gargalhadas ao ver aquele desastre, enquanto a vítima ficava revoltada, tentando limpar a saliva de sua cara. E não era só a cuspidada de todas essas revoluções a mil por hora; ele também não conseguia ficar quieto um segundo. Mesmo sentado, ele ficava mexendo as pernas, os braços, as sobrelhas – tudo ao mesmo tempo enquanto a professora dava a aula.

Para nós, jovens travessos, aquilo tudo era um espetáculo que nos dava várias desculpas para rir e fazer palhaçadas na tentativa de imitá-lo. Não me lembro de Edgard ter reclamado ou ficado bravo, mas durante todos os nossos anos de escola ele fez muito poucos amigos. Ele sempre era o último a ser escolhido nos times de esportes, e muitas vezes comia sozinho na cantina porque ninguém sabia se relacionar com ele. Por outro lado, enquanto nós tropeçávamos nas regras básicas de álgebra e trigonometria, ele voava nos cursos universitários de matemática e física.

Edgard era o único realmente diferente dentro de um grupo onde todos lutavam e se esforçavam para ser iguais e não parecerem muito diferentes dos outros. Tínhamos que ter os mesmos tênis e roupas para nos sentirmos aceitos no grupo, ninguém queria ser

Vivíamos apavorados com a ideia de sermos diferentes, de que alguém pudesse rir de nós, e éramos cruéis com aqueles que eram diferentes.

visto sendo amigo de alguém tão esquisito como o Edgard por medo de ser rejeitado e tachado de esquisito também. Vivíamos apavorados com a ideia de sermos diferentes, de que alguém pudesse rir de nós, e éramos cruéis com aqueles que eram diferentes como Edgard.



Lembro que, por essa época também – eu tinha por volta de onze ou doze anos –, apareceu uma menina nova na nossa escola que se chamava Katie e que vinha dos Estados Unidos. Ela era loira, magra e alta, e apareceu no primeiro dia usando uma bandana violeta, uma camisa de listras brancas e violetas e um par de polainas da mesma cor.

Todos ficamos olhando para ela e comentando sobre sua vestimenta colorida e chamativa demais para os nossos padrões guatemaltecos mais conservadores, mas por alguma razão eu me senti atraída pela visão. Talvez fosse a curiosidade ou o fascínio por essa menina que parecia ser muito mais viajada que o resto de nós, ou talvez um pouco da sensação que tive de que ia ser difícil para ela se encaixar dentro do nosso grupo. Independente do caso, o certo é que, apesar de todas as suas diferenças, me aproximei dela, e logo viramos amigas – por coincidência e para felicidade nossa, seus pais tinham escolhido uma casa que ficava a dois quarteirões da minha, e nós começamos a passar as tardes depois da escola juntas.

Eu adorava ir à casa dela, porque sempre estava cheia de comidas importadas que naquela época eram, para nós na Guatemala, coisas que só comíamos em ocasiões especiais como Natal e aniversários. Como os pais dela trabalhavam para a embaixada americana, eles tinham acesso a um supermercado especial que se chamava *comisariato*, onde vendiam guloseimas importadas como M&M's e Dorito's.

Minha refeição favorita na casa dela eram as torradas de pão integral cobertas com a delicadíssima e deliciosíssima manteiga importada que parecia vinda do céu. Eu comia dezenas delas, apesar de que Katie me suplicava para tentar controlar meu apetite voraz, porque seus pais ficariam bravos com ela por ter terminado com todo o pão da casa. Acontece que não tinha nada que eu gostasse mais do que comer aquele pão com aquela irresistível manteiga

derretendo, e, independente de suas súplicas, eu engolia torrada atrás de torrada, feliz da vida.

Ao contrário do esperado e do caso de Edgard, Katie conseguiu se enturmar rápido e ser aceita, mas sempre foi um pouco diferente. Acho que teve muito a ver com o fato de que era bonita, loira e que tinha vindo dos Estados Unidos, lugar que era o fascínio de todos nós, já viciados nos filmes e programas de TV norte-americanos. Ser loira e americana oferecia muitas vantagens, porque naquela época (e suspeito que ainda agora) todos os meninos gostavam dessas características.

Ela era a única estrangeira dentro da nossa sala e fazia coisas estranhas, como ir dormir na casa da sua empregada de vez em quando. Além disso, se relacionava com as turmas mais velhas da escola, coisa que nenhum de nós fazíamos.

Eu adorava estar com ela, e adorava mais ainda essa liberdade que o fato de ela ser estrangeira lhe dava. Ela rompia as regras e era perdoada por ter um sotaque simpático e não ser uma de nós completamente. E ela tinha toda essa outra vivência que eu achava fascinante já com onze anos tinha morado em Singapura e México, além de ter viajado para muitos outros países ao redor do mundo, enquanto a maioria de nós tinha passado a infância na pequena cidade da Guatemala com algumas viagens esporádicas para a Disney.

Ficamos amigas muito rápido e gostávamos de passar o tempo exercitando a nossa imaginação e fazendo qualquer coisa que nos divertisse e nos fizesse rir. Uma de nossas diversões favoritas era imaginar diferentes acidentes com bebês – passávamos horas imaginando o que aconteceria se uma mãe deixasse seu bebê cair e ríamos dessa ideia até não poder mais. Uma vez, tivemos a ideia de enfiar meleca de nariz dentro do bebedor de água da escola e de nos esconder atrás de uma árvore para espiar as vítimas da nossa travessura.

Lá estávamos nós, dando tanta risada que caímos no chão quando apareceu uma professora que nos levou para a sala de detenção.

“Meninas! Vocês não perceberam que não são cavalos?! Dá para, por favor, se comportarem como meninas?”

Isso só conseguiu nos fazer rir ainda mais. Mal sabia ela a nojeira do que tínhamos aprontado.

Eu acho que, no fundo, o que mais gostávamos era do sentimento de cumplicidade e liberdade que uma dava para a outra, e a coragem que tínhamos de quebrar as regras para nos divertir e dar risada. A sensação profunda de que, juntas, seríamos capazes de conquistar o mundo.

Assim nossa amizade cresceu e, quatro anos depois, quando seus pais foram transferidos de volta para os Estados Unidos, prometemos sermos melhores amigas para o resto das nossas vidas. Isso já faz vinte e cinco anos, e até hoje Katie continua sendo minha melhor amiga. Ambas fomos atrás do nosso sonho de viajar ao redor do mundo e, apesar das distâncias que nos separaram em diversos momentos, sempre fizemos questão de nos reencontrarmos para continuar alimentando nossa amizade e a crença de nossa época de meninas de que, sim, é possível alcançar os nossos sonhos.

Sempre fizemos questão de nos reencontrarmos para continuar alimentando nossa amizade e a crença de nossa época de meninas de que, sim, é possível alcançar os nossos sonhos.

E acho que, desde que fiquei amiga dela, comecei a desenvolver um olfato muito aguçado por pessoas malucas e incomparáveis, que me fizessem sentir de volta essa sensação de liberdade e

alegria da minha juventude e que sempre me ajudou e me inspirou muito a ter coragem para ser diferente.

Anos depois, quando eu estava na faculdade na Califórnia (Katie ficou cansada de morar nos Estados Unidos e optou pela faculdade na Escócia onde anos depois o Príncipe William e Kate se conheceram), tive a oportunidade de conhecer um velhinho chamado Nicholas, de cabelos brancos e olhos azuis brilhantes.

Ele era um imigrante russo que morava na Califórnia há anos, e era dono de vários imóveis que alugava para jovens universitários. Ele adorava visitar seus locatários e ajudar com qualquer coisa de que precisassem, como manter o jardim, arrumar alguma tubulação que não estivesse funcionando ou sair para comprar alguma coisa necessária. Na verdade, ele procurava desculpas para poder ficar ocupado e perto desses jovens, provavelmente porque, apesar da sua avançada idade, ele se sentia tão jovem como eles. E não parava por aí. Ele também tinha se inscrito na faculdade para fazer aulas de piano e de francês, conhecia metade dos estudantes e tinha um caderninho com todos os telefones das mulheres que estavam na sua sala.

Uma amiga minha morava em um dos imóveis dele, e foi assim que eu o conheci em um dia em que fui me encontrar com ela. No começo eu fiquei surpresa e até reticente de conversar com esse velhinho intrometido que não parava de aparecer e de tentar puxar conversa. Eu achava esquisito que um velhinho estivesse me fazendo tantas perguntas e tentando ser meu amigo, desconfiava que provavelmente era um pervertido (todas as advertências de minha mãe ressoavam na minha cabeça) tentando ter sorte com uma jovencinha. Mas aos poucos fui me acostumando e relaxando, até conseguir eliminar minhas barreiras e preconceitos.

A verdade era que o Nicholas era um espetáculo de pessoa, e nunca cansava de contar histórias fabulosas (mesmo que talvez tivesse inventado todas) e de nos fazer rir.

Um dia ele começou a insistir que queria nos levar para comer uma comida muito, mas muito especial, mas que tinha que ser em um domingo. Nós ficamos enrolando, mais por preguiça de ter que passar um domingo com ele de que por outra coisa, e no fim das contas estávamos mais preocupadas em conhecer meninos da nossa idade do que sair com um velhinho no nosso fim de semana. Afinal sua persistência nos venceu e aceitamos. Ele nos pegou em um domingo de céus azuis e nos levou a uma igreja ortodoxa que ficava em um bairro velho no centro de Los Angeles. Surpresas, seguimos até o fundo do salão, onde o pessoal da igreja tinha montado uma mesa enorme com todo o tipo de comidas que eles ofereciam de graça para as pessoas carentes do bairro.

"Experimente este frango – é o melhor que já comi na vida!", Nicholas falou, guiando-nos para o prato de frango assado que ficava no centro da enorme mesa.

Nunca vou esquecer esse dia e o sorriso do Nicholas enquanto empilhava nossos pratos e insistia para que aproveitássemos da oferta. Acho que, em toda a sua maluquice, a lição no fundo era nos mostrar quão fácil era ser feliz, até para um velhinho solitário como ele, e quão rica a vida era, se apenas nos permitíssemos olhar além das nossas barreiras pessoais e preconceitos.

Acho que, em toda a sua maluquice, a lição no fundo era nos mostrar quão fácil era ser feliz, até para um velhinho solitário como ele, e quão rica a vida era, se apenas nos permitíssemos olhar além das nossas barreiras pessoais e preconceitos.

Muitos anos depois, tive a grande sorte de me encontrar com um dos meus primeiros chefes, outro personagem bem maluco que apareceu e me resgatou no exato momento em que eu me sentia asfixiada em meu primeiro trabalho na companhia farmacêutica.

Eu já estava há alguns meses trabalhando, quando comecei a me sentir muito infeliz, porque, apesar de todo o glamour de uma posição que parecia ser dos sonhos – salário alto e escritório próprio –, eu me sentia chateada e sem propósito.

Minha personalidade inquieta se sentia constrangida dentro daquele escritório, como se estivesse presa dentro de um hospital vestida com uma camisa de força. Tudo naquele ambiente era quadrado e regulado demais e, para piorar as coisas, ainda tínhamos que participar de reuniões intermináveis – naquela época algumas chegavam a demorar semanas. Eu sofria imensamente, ainda mais tendo herdado do meu pai o terrível mal do sono inoportuno que se apodera de mim nos piores momentos.

Muitos dos meus colegas falavam por horas para explicar coisas que pareciam bastante simples, e eu lutava para me manter acordada, ficando em pé, mascando chiclete, enfiando dezenas de balas na boca, mas nada disso adiantava – bastava começar uma apresentação de slides, um discurso, e era automático: meus olhos fechavam. E naquela época não existiam os belos laptops e celulares para que pudéssemos fugir do tédio naquelas horas intermináveis.

Um dia estava me recuperando de uma dessas reuniões, quando nos anunciaram que teríamos um novo diretor de marketing que vinha do Brasil (uma daquelas belas surpresas da vida que não temos como prever). Ele apareceu em uma segunda-feira: um senhor alto com uma barrigona de boa vida, usando uma gravata com um Mickey Mouse enorme. Apresentou-se com pouquíssimas palavras, e em uma ou duas transparências (apenas começava o Power Point!) rabiscou as metas que queria alcançar. Lembro

que o silêncio foi absoluto. As equipes de gerentes e diretores impecavelmente engomados estavam atônitos ante aquela informalidade. O jeito descolado do mundo 2.0 ainda não estava na moda, mas eu senti a glória e um sentimento de cumplicidade – finalmente alguém naquele tédio que falava a minha língua.

Mas minha euforia durou pouco: alguns dias depois voltei a sentir a velha claustrofobia e, muito decidida, fui bater na porta do novo chefe para pedir demissão – aos 22 anos tudo era uma tragédia global que precisava ser resolvida imediatamente. Meu novo chefe me recebeu muito amigavelmente e, depois de ouvir minhas frases entrecortadas de como eu queria largar tudo para poder viajar o mundo, ele me interrompeu:

“Um momento! Me fale, por favor, o que é o mais importante na vida.”

Eu fiquei meio desorientada, sem ter ideia de qual poderia ser a resposta certa, e, depois de alguns segundos, ele escreveu na lousa dele e disse para mim:

“Felicidade! Ser feliz, e nada mais!”

Eu fiquei perplexa – não conseguia acreditar que alguém na posição dele estivesse me falando sobre algo tão banal como “felicidade”, nem na faculdade tínhamos tocado nesse tema. Mas ele, muito animado, continuou falando naquele portunhol quebrado que, apesar de toda a chatice que uma empresa grande podia oferecer, também tinha muitas oportunidades de aprendizado que eu podia aproveitar. E, se meu sonho era viajar pelo mundo, só tinha que segurar um pouco a minha ansiedade, porque ele iria me ajudar a fazer isso acontecer.

Saí revigorada, segurei meu aborrecimento e, fiel à sua palavra, ele cumpriu sua promessa. Ele foi muito além disso e não limitou suas atenções só para mim, mas para a equipe inteira. De um dia

para o outro, com aquele seu jeito descolado e sem se importar com o que os outros diretores pensassem, ele começou a infiltrar felicidade e humor no nosso dia a dia. Com pequenas e simples ações, consegui motivar a empresa inteira a bater recorde atrás de recorde de vendas e implementar inovações que, para aquela época, eram bastante revolucionárias.

Hoje, olhando para trás, enxergo que um de seus maiores segredos era a coragem de ser diferente e de empregar humor nas pequenas coisas da nossa rotina. Ele era tão maluco que não tinha vergonha alguma para anunciar quando tinha que ir ao banheiro – fazia questão de colocar o jornal embaixo do braço e passar assobiando feliz da vida na frente das nossas salas, avisando a todos a natureza de sua empreitada.

É difícil explicar como essas pequenas ações “descontraídas” mudaram aquele ambiente regulado e sério, mas o certo é que, depois de pouco tempo, ele ganhou o apelido de “professor”, e é até hoje lembrado com muito carinho por todos aqueles que tiveram a sorte de trabalhar com ele.

Para a minha grande sorte, e pelas voltas da vida, nos reencontramos no Brasil. Ele, depois de uma carreira multinacional e de várias posições em diversos países do mundo, decidiu voltar para seu país de origem, e eu, depois de muitas reviravoltas e aventuras, acabei me casando com um brasileiro (as surpresas da vida) e vim morar no Brasil.

Mesmo nos dias atuais, quando me sinto sufocada pela seriedade da vida adulta e de ter um trabalho sério, ligo para ele, às vezes só para ouvir sua voz engraçada e para saber que há outro adulto por aí (ainda mais velho e maduro que eu!) que não tenta aparentar que não tem dúvidas sobre as escolhas que tem feito e que não tem sonhos que ainda gostaria de realizar.



Quando me sinto cansada ou desanimada, me lembro de Katie, Nicholas e do professor. Lembro-me que, sim, se nos permitirmos tudo é possível. Só precisamos nos permitir um pouco de loucura, maluquice, criatividade ou coragem, como queiramos chamar essa competência. Precisamos parar de tentar ser sempre certinhos e corretos, de querer ter a melhor nota e nos permitir quebrar as regras, que muitas vezes não são regras de verdade, mas simples imposições que temos colocado sobre nós mesmos.

O engraçado é que todos temos medo de sermos chamados de malucos, mas todos nos sentimos sumariamente atraídos por aqueles que são malucos. Talvez porque a loucura é libertadora, é humana, é inspiradora, quebra todas as barreiras e fala, mesmo que todos digam o contrário, que é sim possível fazer.

E ainda hoje me lembro do Edgard e me pergunto o que terá sido dele, de onde ele tirou forças para remar contra a corrente por tantos anos – e penso sobre as coisas que talvez eu pudesse ter aprendido se tivesse me animado mais cedo a ser chamada de maluca.

### **VIDEO SUGERIDO**

Chris Abani: On humanity (Sobre a humanidade)

[www.ted.com/talks/chris\\_abani\\_muses\\_on\\_humanity.html](http://www.ted.com/talks/chris_abani_muses_on_humanity.html)